

LÍVIA CARDOSO SALLES ROSA



LITERATURA EM SALA DE AULA:

Perspectivas na formação de leitores

LAVRAS - MG

2021

LÍVIA CARDOSO SALLES ROSA

LITERATURA EM SALA DE AULA:

Perspectivas na formação de leitores

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do Curso de Letras Português, para a
obtenção do título de Licenciado.

Prof(a). Dr(a). Mariana Aparecida de Carvalho
Orientadora

LAVRAS - MG

2021

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, mesmo que não estejam aqui, sinto suas bênçãos a cada passo conquistado. Obrigada por desde sempre me ensinarem o valor da educação. Dedico, sempre, toda minha vida a vocês.

Às minhas irmãs, Isadora e Patrícia, amor infinito e além. Agradeço pela fé em mim. Cunhados Mateus e Dalton, estamos juntos.

Ao meu marido Cleiton e filhos João, Larissa e Laisa, pela paciência com minha ausência e pela colaboração nos períodos de estudo. Amo vocês.

Aos meus filhuxos peludos Theodoro, Morgana e Bolo. Obrigada pela calma nos dias turbulentos.

À minha família, sempre um porto seguro.

Aos Amigos da UFLA, pela convivência única (quase toda pelo celular), pelas risadas, carinho e pelo ânimo nas horas difíceis.

À Mariana, que agradeço pela orientação, paciência e apoio.

A todos meus professores e tutores, pelos ensinamentos.

À UFLA, pela oportunidade de realizar o sonho de cursar Letras.

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir o ensino de Literatura e o trabalho com o texto literário em sala de aula, principalmente no ensino médio, e a possibilidade de desenvolvimento de leitores ávidos, críticos, reflexivos, questionadores e conscientes. A base teórica consiste, entre outras fontes, nos estudos de textos do professor Antonio Candido (1918-2017) e de Paulo Freire (1921-1997), sobre o ensino da Literatura e sua relevância na formação humana e o ensino da Literatura com autonomia e liberdade. A proposta principal é observar, através do estudo de textos de importantes pesquisadores, as perspectivas pedagógicas na formação de leitores que, ao interpretarem textos literários, possam ser capazes de ler e interpretar textos de diversos gêneros textuais e discursivos e entendam o texto como ponte para compreender o mundo a sua volta. Com base nos estudos, o trabalho objetiva demonstrar, também, a importância do papel do professor no processo de introdução e de ensino-aprendizagem de Literatura no ambiente escolar e o diálogo entre este ensino e a realidade dos alunos, na busca por novas possibilidades e práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Leitor; Professor.

ABSTRACT

The present work intends to discuss the teaching of literature and the work with the literary text in the classroom, mainly in high school, and the possibility of developing avid, critical, reflective, questioning, and conscious readers. The theoretical basis consists, among other sources, in the text studies of professor Antonio Candido (1918-2017) and Paulo Freire (1921-1997), on the teaching of literature and its relevance in human formation and the teaching of literature with autonomy and freedom. The main proposal is to observe, through the study of texts by important researchers, the pedagogical perspectives in the formation of readers who may be able to read and interpret texts of different textual and discursive genres when interpreting literary texts and understand the text as a bridge to understand the world around you. Based on the studies, the work also aims to demonstrate the importance of the teacher's role in the process of introducing and teaching-learning literature in the school environment and the dialogue between this teaching and the students' reality in the search for new possibilities and pedagogical practices.

KEYWORDS: Literature; Reader; Teacher.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 1. A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA..... | 9 |
| 1.1 A Literatura Humanizadora por Antonio Candido..... | 15 |
| 1.2 O Ato de Ler por Paulo Freire..... | 17 |
| 2. O SUJEITO LEITOR..... | 20 |
| 3. O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS..... | 22 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 28 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 29 |

INTRODUÇÃO

A Literatura é essencial para a formação do estudante, desde o ensino fundamental e principalmente no ensino médio, na construção de um aluno reflexivo e criativo, com desenvolvimento pleno de sua capacidade de ler, interpretar, falar, escrever e participar do mundo à sua volta. Em muitas escolas, o ensino da Literatura é apenas um conteúdo da disciplina de Língua Portuguesa. Torna-se assim, o texto literário apenas uma parte integrante de um todo, um pretexto para outros ensinamentos, sem objetivo e autonomia. O ato de ler e de provocar interesse pela leitura deixa de ser ensinado.

Sabemos que o ensino de Literatura em salas de aula do ensino médio, muitas vezes, está ligado à apresentação das características das escolas literárias, em que são listadas as principais obras de cada período. Muitos alunos leem obras literárias apenas por imposição do professor ou por nota em avaliações, mas poucos educadores utilizam, como metodologia, a análise do texto literário e sua leitura completa como proposta de estudo em sala de aula.

Não basta que os alunos aprendam a ler, é preciso entender a ideologia, a crítica e como e por que aquele texto foi construído. A experiência vivenciada por cada leitor da obra, a aceitação e a compreensão da obra em si e o diálogo que ela estabelece com a realidade de cada aluno são muitas vezes deixados de lado. O ensino da Literatura deve ser entendido como parte formadora humana e os leitores como sujeitos construtores de uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo a sua volta. Para isto, é necessária a introdução do texto literário em sala de aula como algo de real relevância para os alunos. O ato de ler deve desencadear conhecimentos e emoções individuais, fazendo com que o texto seja tomado pelo leitor como seu.

O professor, pensador e crítico literário Antonio Candido produziu muitos estudos sobre o ensino de Literatura e muitas de suas reflexões podem ser utilizadas como respostas de modo a nortear o caminho do ensino da Literatura pelos professores em sala de aula e na formação leitora. Já o educador Paulo Freire trata o ato de ler como experiência humanizadora e libertadora, destacando a percepção crítica que a leitura desperta.

O acesso à Literatura contribui para o desenvolvimento linguístico, da capacidade de concentração, da sensibilidade, da criatividade e dos saberes sobre sociedades e culturas que muitos leitores não terão acesso por outros meios. Através da análise teórica deste trabalho, espera-se criar alternativas e explorar metodologias viáveis para o trabalho com Literatura e leitura literária em sala de aula, visando a perspectiva do desenvolvimento de leitores capazes,

críticos, humanos, reflexivos e com capacidade de ampliar seus hábitos discursivos, sua visão de mundo e sua consciência de ação sobre sua realidade.

Questiona-se, também, a participação do professor como mediador neste processo, afinal, como introduzir a prática de leitura do texto literário em sala de aula? Apesar da formação no curso de Letras ser reflexiva e aberta a diversificadas experiências de ensino e das mudanças atuais observadas nos documentos oficiais da educação, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que busca a formação do leitor fruidor, muitos professores ainda mantêm o ensino da Literatura nos moldes “tradicionais”, que envolvem a periodização literária, a grande quantidade de teoria a ser decorada e fragmentos de cânones. Daí também a necessidade de práticas de educação continuada e inovadora e da formação do professor leitor.

É necessário compreender as contribuições da utilização do texto literário para a formação leitora e sua função transformadora, cultural e social. O educador pode e deve demonstrar que a Literatura em salas de aula de ensino médio não deve ser utilizada apenas para estudo sobre sequência de autores e estilos, ensino de gramática, leitura e interpretação de texto, mas para leitura crítica, reflexiva e formação cultural do indivíduo. Deve ser criada a possibilidade de se estabelecer diálogo entre as obras literárias e a sociedade, através de textos que se relacionem com a identidade dos alunos e estudo de práticas metodológicas eficazes de introdução de textos literários em sala de aula.

Podemos identificar quais práticas relacionadas ao texto literário o aluno prefere trabalhar em sala de aula e quais são as mais exploradas pelos professores. Através de um estudo baseado em empréstimos de livros da biblioteca, por exemplo, é possível se descobrir a porcentagem de alunos que preferem determinado tipo de leitura, como clássicos, Literatura Brasileira, coleções, livros que viraram filme, Literatura estrangeira, entre outros. Estimular variados tipos de leitura também faz parte da formação do leitor.

Para isto, o presente trabalho objetiva relacionar a concepção de ensino de Literatura presente na obra de Antonio Candido e da importância da leitura presente nas obras de Paulo Freire, assim como em outras fontes, como fator relevante para a formação leitora e humana na contemporaneidade, assim como as perspectivas pedagógicas e o papel do professor no processo de ensino. Os dados apresentados serão analisados com embasamento teórico, a partir de revisão bibliográfica e de pesquisas já realizadas sobre o assunto, dados pesquisados na internet em sites e *blogs* de leitura e materiais didáticos sobre Literatura. Nesse sentido, o presente trabalho justifica-se como relevante para a formação educacional e humana do aluno.

1. A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

Mesmo com as dificuldades encontradas com o ensino da Literatura na escola, ela tem um grande papel formador no gosto literário do aluno e na formação do leitor. A leitura literária no currículo escolar, geralmente inclui obras consideradas clássicas e leituras necessárias para realização de vestibular. Estas obras podem ser importantes para a ampla formação literária dos alunos, mas a aproximação com o mundo dos livros pode ser feita com leituras mais “naturais” e dialógicas para o estudante. Como afirma Candido (1969), os alunos também experimentam a sensação dos críticos, de ao ler, chegar a “certos estados de prazer, tristeza, constatação, serenidade, reprovação, simples interesse”.

Muitas vezes o aluno deixa de ler livros de seu interesse e realizam leituras distantes de sua realidade e como consequência, em suas horas livres e depois que terminam os estudos, sem obrigação, deixam de ler pela falta de estímulo e prazer pela leitura. Sobre este assunto, Paulo Freire questiona:

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever. (FREIRE, 2001, p. 9).

Sendo assim, o ambiente escolar pode ser espaço para reflexão e estudo da leitura literária, que pode ser abordada nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, de maneira que os alunos adquiram real interesse. A leitura literária deve se diferenciar de um trabalho mecânico que envolve o entendimento da escrita e se ligar à criatividade de novas percepções do mundo. A leitura não deve limitar o aluno aos movimentos literários e suas obras relacionadas em ordem cronológica, mas gerar novas competências linguísticas e literárias.

Muitos professores insistem para que alunos leiam livros ou capítulos de livros para resolução de atividades, de provas, relação bibliográfica para o semestre ou vestibular. A partir desse momento, o aluno entende o ato de ler como algo difícil, entediante e determinado. Essa interpretação errônea leva os alunos a se afastarem dos livros e a acreditarem que as aulas de Literatura são apenas conteúdos decorados sobre

escolas literárias. Conforme argumenta, através de suas experiências, o renomado educador Paulo Freire:

Em algumas vezes cheguei mesmo a ler, em relações bibliográficas, indicações em torno de que páginas deste ou daquele capítulo de tal ou qual livro deveriam ser lidas: "Da página 15 à 37". A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. (FREIRE, 1989, p.12)

A relação dos alunos com os livros torna-se cada vez mais distante e perdem-se leitores em potencial, com capacidade para ampliar sua capacidade crítica, reflexiva e discursiva. Nesse sentido, a afirmação de que "Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante" (FREIRE, 1997, p. 29) resume bem o ato da leitura.

Para Candido (1969), devem atuar como críticos em sala de aula, o professor, ao entender as sugestões trazidas pela leitura, e os alunos, como críticos que experimentam e revelam suas impressões pessoais. Com experiência em sala de aula, ele entende que o estudo da Literatura é uma forma de enriquecimento humano e o leitor em formação pode mudar sua visão de mundo e querer transformá-lo.

Para Paulo Freire, estudar também é fazer-se crítico. A reflexão crítica leva à leitura de textos que aguçam a curiosidade e o senso de aprendizado. De acordo com o autor, "A leitura crítica dos textos e do mundo tem que ver com a sua mudança em processo" (FREIRE, 1997, p. 26). Com a leitura, o aluno vai entender o seu mundo e analisar, criticamente, a sociedade em que está inserido. O texto literário é um caminho para que o leitor possa refletir sobre a realidade de diferentes épocas e sobre a sua realidade. Para Freire, é necessário não só ler a palavra, mas ler o mundo (FREIRE, 1989).

Ambos os autores citados tratam a perspectiva da Literatura como aprendizado humano. Candido, sem perder o rigor de crítico literário, entende o princípio humanizador da Literatura:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CÂNDIDO, 2011, p. 182).

Muitos autores apresentam propostas para o ensino da Literatura em sala de aula como tentativa de incentivar os alunos nas práticas leitoras. Zilberman (2005) discute, em seu trabalho, uma proposta em que elege os temas literários divididos em: “Viagem, Natureza e Novo Mundo”; “Identidade e Etnias”; “Política e Revolução”; “Gênero e minorias”; “Metalinguagem e Leitura”; “Memória e Subjetividade”, além de utilizar outras classificações e conceitos artísticos. Para ela, isto é uma forma mediadora de alcançar o interesse dos alunos pelos textos.

A 4ª Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto pró-Livro, 2016) apresentou-se positiva com relação à quantidade de leitores jovens. A pesquisa também aponta que os jovens preferem escolher livros por gosto a escolher por obrigação escolar. Esta informação é interessante para ser utilizada em sala de aula e uma forma de formar leitores interessados.

Os alunos poderiam escolher livros por gosto se fossem instigados através de uma prática literária que os levassem a procurarem e sentirem curiosidade sobre certos livros, estudando os autores, as épocas que viveram e o contexto social e pessoal em que escreveram suas obras e como participaram e contribuíram para o mundo literário. As personagens poderiam ser analisadas em seus papéis sociais com ressignificação e busca pela identidade do aluno.

É necessária uma adaptação para aproximação do aluno do ensino médio com o texto literário. São anos de estudo em que a Literatura não foi aliada ao aprendizado e os livros e textos não se mostraram interessantes. Segundo Freire (1997), ninguém lê se não assume a forma crítica de ser sujeito da curiosidade, da leitura e do processo de conhecer. O aluno precisa de novas formas de ler o texto, levando em considerações outros aspectos, que levariam a uma formação ampla e ao entendimento de que, quanto mais se lê, mais se conhece sobre o mundo.

Alguns autores discutem a importância de teoria literária aliada ao aproveitamento do texto literário. No artigo “Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar”, Silva (2003) argumenta, basicamente, sobre a relação entre leitura e Literatura no contexto escolar e sobre leitura, Literatura e Teoria Literária. A autora acredita que há um descompasso entre as práticas nas escolas e as discussões e teorias fora desses espaços. Silva (2003) apresenta, por exemplo, a natureza interdisciplinar da leitura e a interação do leitor com o texto, a relação entre Literatura e leitor e a importância da Teoria Literária, que para ela, só existe em função da leitura e da Literatura. De acordo com a estudiosa, a Teoria Literária ajuda a refletir sobre o ato de leitura:

A teoria literária deve estar presente na escola, subsidiando a prática do professor, no sentido de ampliar concepções críticas sobre o fazer literário e a recriação do texto pelo leitor, o que só ocorre no ato da leitura. (SILVA, 2003, p. 515)

A autora também abre o assunto da abordagem do texto literário em sala de aula, que envolve desde a análise crítica do texto literário, incluindo sua estética; o diálogo entre os gêneros literários; a interdisciplinaridade e o interculturalismo das obras literárias; a relação das obras com expressões artísticas até a teoria literária e as correntes teóricas do fazer literário. Seriam aspectos bem completos para as aulas de Literatura, possíveis com planejamento e pesquisa para as aulas.

Sabemos que o ensino de Literatura em salas de aula do Ensino Médio muitas vezes está ligado ao ensino das características das escolas literárias, em que são listadas as principais obras de cada período. Muitos alunos leem obras literárias apenas por imposição do professor ou por nota em avaliações. Nesse sentido, “Na escola, as estratégias de abordagem ao texto literário, geralmente, não se apresentam diversificadas, contribuindo para que o educando desenvolva uma compreensão mitificada e homogênea da literatura” (SILVA, 2003, p. 514)

A autora também analisa o papel do material didático, que para ela, em sua maioria, não exige interpretação suficiente dos alunos e cria o mito de que as leituras literárias são complexas e inacessíveis:

Em alguns livros didáticos, por exemplo, observam-se exercícios que exploram a leitura de textos literários com o predomínio de perguntas que requerem apenas uma leitura superficial, ou seja, o leitor não é estimulado a inferir, preencher as entrelinhas e reconstruir as pistas textuais até atingir um nível maior de criticidade no ato de ler. (SILVA, 2003, p. 516)

Outro ponto que dificulta o desenvolvimento do leitor literário é a necessidade de abordagem dos livros didáticos de assuntos relacionados ao vestibular. Apesar de ser o momento que o professor mais evidencia a procura pela leitura literária, esta é apenas por exigência da prova, o que não provoca o aluno a interagir com o texto de forma adequada, aspecto bastante observado no ensino médio:

Vários são os fatores que dificultam o tratamento dado à literatura em sala de aula, um deles refere-se à metodologia utilizada no Ensino Médio, efetivamente orientada para o vestibular como um fim em si mesmo. O objetivo principal de muitas escolas e diversos cursinhos é ensinar para o

vestibular, conquistar o maior índice de aprovação nos exames. (SILVA, 2003, p. 522)

Ao não possuir o aprendizado prévio da leitura crítica, os alunos, ao terem contato com obras mais complexas, como as obras exigidas no vestibular, acabam desistindo da leitura, pelas dificuldades de interpretação e contextualização encontradas. O professor pode mostrar, ao aluno, que os livros podem, sim, ter relação com sua realidade e que a leitura e o conhecimento, além de poderem levar o aluno a ingressar na vida acadêmica, podem proporcionar liberdade, identificação com nossa realidade, senso de mudança, formação de espírito crítico e construção de saberes diversificados.

Muitos materiais didáticos não desenvolvem nos alunos o interesse pela leitura literária ou por qualquer tipo de leitura. A BNCC, como mais recente diretriz, já apresenta mudanças através de habilidades que demonstram a importância dos textos literários e provoca o aluno a reconhecer tudo que envolve o ato de ler, o gosto pela leitura dos mais variados gêneros e sua apreciação. É a base não só para formação linguística, mas para formação para o mundo. É a Literatura sendo abordada em sua função estética, social e como manifestação artística.

Outro ponto interessante é justamente a formação do leitor: “Ao sair da escola, o indivíduo geralmente abandona o hábito da leitura, pois encara tal atividade como algo atrelado aos exercícios escolares.” (SILVA, 2003, p. 518). Mas o papel da escola é justamente o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolverem uma leitura crítica do mundo, para além da sala de aula. Neste sentido, também é possível relacionar este olhar da autora com o olhar de Paulo Freire, já que “A leitura crítica dos textos e do mundo tem que ver com a sua mudança em processo” (FREIRE, 1997, p. 26), ou seja, se o texto é apresentado aos alunos de forma crítica, ele será compreendido de forma crítica e seu contexto será incorporado à realidade do aluno e na busca pela mudança da sociedade à sua volta.

No artigo “A Perspectiva do ensino de Literatura nos livros didáticos de Português: O que se ensina quando se ensina Literatura?” de Sampaio e Souza (2015), podemos entender o conceito de fruição literária, desta importante relação do leitor com o texto. Os autores buscam analisar qual o tratamento dado ao texto literário e as como as metodologias utilizadas auxiliam na fruição da leitura literária, como auxílio nas aulas de Literatura. Eles trazem a tona o questionamento acerca da formação do leitor literário através do ensino da Literatura. Assim sendo, percebe-se a necessidade de educadores buscarem alternativas na condução do ensino em sala de aula, para apresentarem aos alunos toda a diversidade de conhecimento que a leitura de um livro oferece.

Em uma interessante perspectiva, Sampaio e Souza (2015) afirmam que a disciplina de Literatura apresentada nos livros didáticos poderia se chamar “história da Literatura”, pois é este o foco, escolas literárias apresentadas em ordem cronológica e de maneira engessada, sem critérios para apresentação da complexidade que a linguagem e a fruição literária exigem:

Deste modo, vale mencionar ainda que o enfoque na periodicidade de gêneros e escolas literárias não se configura como prática ideal de ensino de literatura. Nestes termos, é lícito dizer que no ensino da literatura há a preferência pelo trabalho com os períodos da história da literatura (trovadorismo, barroco, arcadismo, parnasianismo, romantismo, modernismo etc.) em detrimento do uso efetivo com o texto, prerrogativa básica na formação de leitores. (SAMPAIO; SOUZA, 2015, p.2)

Os autores deixam bem claro que o problema não está em utilizar essa metodologia, mas que apenas o estudo de estilos de determinada época limita a formação do leitor literário e que esse plano pedagógico acaba tratando as obras, períodos e autores de maneira superficial. São muitos autores para que o professor se aprofunde em um curto período, ainda mais quando falamos na preparação para o vestibular. Segundo Sampaio e Souza (2015, p.2), “Assim, devemos pensar que quantidade não necessariamente relaciona-se com qualidade, posto que, de quase nada adianta ler inúmeras obras ou fragmentos de obras se o contato com o texto não se faz adequadamente”. Como citado anteriormente, é o que ocorre na preparação para o vestibular ou na análise de um fragmento textual de maneira superficial.

Os autores acreditam que os livros didáticos são ferramentas de auxílio pedagógico. “Logo, o leitor de literatura, aluno ou professor, deve ver o livro didático não somente como um objeto em si, mas como um objeto cultural, um objeto que potencializa saberes e conhecimentos humanos.” (SAMPAIO; SOUZA, 2015, p.10). Porém eles citam outros estudiosos, que afirmam, de forma radical, que a escolha pela utilização dos livros didáticos é uma consequência da má-formação dos professores e da falta de leitura em sua formação profissional. Também discorrem sobre a prática da utilização do texto literário para ensino da língua sendo que a utilização de fragmentos de textos só seria bem trabalhada por leitores experientes e com formação crítica aprofundada:

[...] o efeito conseguido não é esse porque os alunos precisariam ser leitores já capazes efetivamente de fruição textual e chegado ao nível de leitor ideal (leitor crítico) proposto por Umberto Eco (1989) para entenderem as atividades de metaleitura – trabalho com o texto literário a partir de fragmentos e nomenclatura própria da literatura (enredo, personagem, espaço, narrador, tipos de rimas etc). (SAMPAIO; SOUZA, 2015, p.6)

Como auxílio no processo de ensino-aprendizagem da Literatura, deve-se discutir a utilização de outros textos, como Literatura juvenil, ficção, do cotidiano e atual, para que os alunos primeiramente peguem “gosto” pela leitura e depois apreciem, ou pelo menos interpretem, as obras do conteúdo obrigatório. Através de livros envolventes, com narrativas que despertam sentimentos, sem a cobrança que envolve a leitura escolar, muitos alunos podem descobrir serem leitores em potencial. Desse modo, para descobrirem essa identidade leitora, o aluno deve conhecer variados tipos de leitura, próximos ou distantes de sua realidade, literários ou despreocupados. Os autores trazem a sugestão:

Percebemos que os profissionais de letras – Língua Portuguesa e Pedagogia – se encontram diante de um dilema: como ensinar literatura nas escolas? Pensando nesses profissionais, temos de lembrar não apenas do que vamos ensinar, mas também no como ensinar para despertar nos jovens o gosto pela leitura literária. Esse como ensinar deve consequentemente possibilitar aos alunos penetrarem com mais afinco nas obras e, aqui cabe uma sugestão, comecemos lendo aqueles textos que os alunos leem no cotidiano, para gradativamente irmos inserindo as obras literárias, as quais são conteúdos obrigatórios do currículo escolar. (SAMPAIO; SOUZA, 2015, p.8)

Todos os alunos, com uma abordagem correta, possuem condições de se tornarem leitores, em um processo democrático do ensino da Literatura. Alunos que conseguem aprender Literatura e tornarem-se leitores não são seres “iluminados”. Ou seja, com propostas de formação de leitores que desenvolvam o gosto pela leitura do texto literário de forma eficiente e plena, teremos leitores letrados, ávidos, interessados e abertos a novas visões e possibilidades.

1.1. A Literatura Humanizadora por Antonio Candido

O professor, crítico literário, filósofo, pensador, militante e humanista Antonio Candido considerava a importância da Literatura como formação humana, política e para a vida em sociedade. Ele reconhece as fraquezas e atrasos na Literatura, a falta de democratização da leitura, mas sem deixar de vê-la como expressão cultural e instrumento primordial para a educação:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma

e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2011, p. 177)

Candido apresenta uma nova visão sobre a Literatura e seu modo de ensino, que além da técnica e teoria, para ele pode ser trabalhada de maneira mais humana e popular, como direito de todos. A Literatura permite ao leitor se por no lugar do outro, ser do passado e futuro, em diferentes realidades e assim refletir, diretamente, sobre sua humanização. Para o professor, a Literatura e a leitura literária nos tornam mais sensíveis, reflexivos, críticos, humanos, abertos para possibilidades, diferentes perspectivas e novos horizontes.

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. (CANDIDO, 2011, p. 188)

Outro ponto importante da mudança que Candido defende sobre o ensino da Literatura é que esse não deve fazer parte só do Ensino Médio, mas de toda a vida escolar e letrada do estudante. Com uma abordagem mais livre, as crianças ouvem, lêem e participam. Já os estudantes de ensino Médio desenvolvem o espírito opinativo e crítico. Faz sentido, pois, para Candido, mais que a formação leitora, a Literatura participa da formação humana, traz o bem e mal e faz viver.

Segundo Candido, a Literatura é uma necessidade universal que dá forma aos sentimentos e à visão do mundo, desperta nossa consciência, causa inquietação, nos libertando e nos humanizando. Para ele, negar a fruição da Literatura é mutilar nossa humanidade. Candido foi um dos estudiosos da Literatura que perceberam que além do aprimoramento do uso da linguagem e do poder de fuga da alienação, a Literatura possui força social e política. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2011, p. 193).

O estudioso se mostrava um verdadeiro apaixonado por essa arte, em qualquer de suas formas. Para ele, a Literatura, além de um direito, é uma necessidade do nosso consciente e inconsciente, que influencia na personalidade e fortalece nossa existência. Para ele, o ser humano não pode ficar 24 horas do dia sem “fabulação”, sem romance e poesia, ou seja, sem arte. A Literatura não seria apenas o livro em si, mas estaria presente nos devaneios amorosos cotidianos, em assistir uma novela, na música, nas crenças e nos sentimentos.

Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável desse universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Candido defende que todos têm o direito à Literatura, independente de sua situação social. Negar ao aluno o contato com a leitura é privá-lo de exercer sua humanidade. Literatura não é só uma disciplina do conteúdo escolar, ler é interpretar o mundo, ler é se humanizar. Quando uma pessoa tem acesso à Literatura e sua compreensão, ela ganha voz e vez com sujeito. Em uma sociedade tão desigual, ler é um ato de resistência.

1.2. O Ato de Ler por Paulo Freire

Paulo Freire, no trabalho “Cartas para quem ousa ensinar” (1997), trata diretamente com os educadores sobre o ato de ensinar e aprender. Se ser tia é ser acomodada, ser professora é ser competente e estar interessada na construção de uma escola democrática, inclusiva e crítica. Freire dialoga com a pedagogia, com a relação do professor com o ensino.

Para Freire, é necessária a experiência do aluno e do que ele conhece, para que ele desenvolva a capacidade de ler o mundo a sua volta, transformá-lo e se libertar. A partir da leitura, o aluno entende o seu mundo e pode analisar a sociedade a sua volta e querer e ter condições de transformá-la. Freire fala sobre a importância do ato “De ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita. Mas ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto” (FREIRE, 1997, p. 20). Ou seja, o ato de ler é muito mais do que simplesmente a decodificação de letras e palavras.

O estudo sério de um livro como de um artigo de revista implica não somente numa penetração crítica em seu conteúdo básico, mas também numa sensibilidade aguda, numa permanente inquietação intelectual, num estado de predisposição à busca” (FREIRE, 1981, p. 9)

O ensino decorado da Literatura, sistematizado em escolas literárias, em nada contribui para que o aluno tenha prazer em entender como as obras literárias foram

construídas e estão relacionadas com a época e a sociedade que retratam e em nada se relacionam com a pedagogia de ensino de Freire que busca que o aluno possa refletir sobre o mundo em que vive. “Minha saída não está em memorizar porções de períodos lendo mecanicamente duas, três, quatro vezes pedaços do texto fechando os olhos e tentando repeti-las como se sua fixação puramente maquinal me desse o conhecimento de que preciso”. (FREIRE, 1997, p. 20).

Partindo do ponto de que ler não deve ser algo engessado, Freire começa a falar sobre a importância de ler e de se buscar a compreensão para a formação de leitores críticos e autônomos. Assim, a leitura crítica é a construção de significados, é a formação do “mundo interior” do leitor, através da exploração e conhecimento do “mundo exterior”, pela leitura das mais variadas obras, escritas a partir de variadas visões de mundo.

Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE, 1997, p. 20)

Educador que desenvolveu um método de alfabetização mundialmente aclamado, Freire não separava a pedagogia da política, ao difundir que educar também é conscientizar, e conscientização é liberdade. Freire defende que os educadores verdadeiros utilizam o diálogo e a realidade para que o indivíduo encontre sua relação com sua humanidade e com o mundo. Assim, o ensino da Literatura também pode ser associado com o desenvolvimento da percepção crítica do aluno.

Ao mesmo tempo em que seria importante considerar a realidade de cada aluno, Freire fala sobre o esforço de ler, sobre a relevância da pesquisa e que nenhum leitor deve abandonar um livro porque a linguagem lhe parece difícil. Mas há que se pensar que um adolescente, no princípio de sua formação leitora, provavelmente não teria a disposição de pesquisar, utilizar o dicionário, um manual e entender uma linguagem que a princípio não lhe interessou:

Assim como um pedreiro não pode prescindir de um conjunto de instrumentos de trabalho, sem os quais não levanta as paredes da casa que está sendo construída, assim também o leitor estudioso precisa de instrumentos fundamentais sem os quais não pode ler ou escrever com eficácia. Dicionários, entre eles o etimológico, o de regimes de verbos, o de regimes de substantivos e adjetivos, o filosófico, o de sinônimos e de antônimos, enciclopédias. A leitura comparativa de texto, de outro autor que

trate o mesmo tema cuja linguagem seja menos complexa. (FREIRE, 1997, p. 23)

Para Freire, o escritor não pode ir explicando cada parte do texto escrito. Cabe aos leitores o interesse de saber e se interessar pelo assunto lido e buscar a compreensão. Ele fala muito sobre a importância não só de ler, mas de estudar. O escritor realmente não deve explicar seu texto, mas o livro tem que cumprir com a expectativa do leitor. Para se interessar pelo mundo literário, o leitor tem que iniciar por livros que o chamem a atenção, que utilizem linguagem acessível, mesmo que não simplista, e dialoguem com seu universo. A afirmação acima pode talvez ser desenvolvida para leitores já experientes e até pelos professores que também devem ser leitores. Para os leitores em formação, prefiro considerar o seguinte trecho em que Freire fala sobre a importância da diversidade na leitura, e o prazer de ler:

Aos que estudamos, aos que ensinamos e, por isso, estudamos também, se nos impõe, ao lado da necessária leitura de textos, a redação de notas, de fichas de leitura, a redação de pequenos textos sobre as leituras que fazemos. A leitura de bons escritores, de bons romancistas, de bons poetas, dos cientistas, dos filósofos que não temem trabalhar sua linguagem à procura da boniteza, da simplicidade e da clareza. (FREIRE, 1997, p. 25)

É necessária uma educação que possibilite a formação de um desenvolvimento crítico, questionador da realidade, com uma pedagogia que propicie à escola formar jovens também como sujeitos sociais e históricos. Freire (1989) acredita na mudança pela educação e leitura. Para ele, o professor deve se dedicar não apenas a ensinar a leitura da palavra, mas a “leitura” também do mundo, ou melhor, da “palavramundo”.

Ao entender que o dia a dia também faz parte do fazer literário, Freire dialoga com Antonio Candido e sua “fabulação” presente no cotidiano. Um dos aspectos importantes da fala de Paulo Freire está justamente no conceito de que a “leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p.13). A leitura escolar pode não ser a mesma que o aluno vai interpretar, a partir do seu mundo. O ato de ler, para Freire, envolve a percepção crítica e a releitura que o leitor fará do texto, mostrando a diferença do contexto da palavra e do contexto para o leitor. O leitor deve ser intérprete do texto e do mundo que o cerca para que a verdadeira educação liberte e emancipe.

2. O SUJEITO LEITOR

Ler é a possibilidade de desenvolver a imaginação, o senso crítico, a criatividade e a sensibilidade. Descobrir o prazer de ler um poema, um conto, um romance, uma crônica ou quaisquer textos literários que envolvam o leitor e o estimulem a construir um pensamento crítico e reflexivo. A seleção dos textos literários ajuda na formação do leitor e pode funcionar como ferramenta de um processo de amadurecimento e formação de um sujeito consciente do seu mundo.

Na sala de aula, a construção do sujeito leitor pode ser iniciada de forma lúdica e agradável, até que se crie um relacionamento entre o leitor e o texto. Para Paulo Freire, “[...] a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto e feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala”. (FREIRE, 1989, p. 12). A leitura de fragmentos de obras clássicas nos livros didáticos e o estudo do período literário em que as obras se enquadram, no Ensino Médio, não têm contribuído para despertar interesse de jovens leitores.

A leitura crítica e competente é fundamental para a formação ética, política e emocional dos jovens. Sendo assim, é necessário investir em uma pedagogia crítica mais voltada para a formação do leitor do que para o caráter informativo que vem predominando em um ensino centrado em caracterizações de escolas literárias e na leitura de fragmentos de textos”. (VIEGAS, 2014, p. 3)

Alguns alunos podem chegar ao Ensino Médio em diferentes níveis de letramento, ou seja, sem que a escrita e leitura apresentem sentido para alguns, o que fará com que os textos literários tenham ainda menos sentido, como explicam Thiél et al.:

Letrar é desenvolver a capacidade leitora dos alunos para lidar com as demandas da vida moderna. Entretanto para ler diferentes texto, como já se viu, é necessário desenvolver habilidades diferentes. Por isso, o fato de saber ler texto informativos não garante leitura do texto literário. Além do conhecimento do idioma, indispensável para a leitura instrumental, a leitura literária ativa, para dar sentido ao texto, necessita de conhecimentos prévio, de mundo, literários, enfim, dos conhecimentos culturais do leitor, para que se preencham os espaços deixados pelo autor, fazendo do leitor um coautor do texto [...] (THIÉL et. Al. 2012, p. 17-18).

Muitos terminam os anos escolares sem nunca terem lido um livro ou entrado em uma biblioteca. Muitos alunos lêem partes dos textos e resumos para realização de atividades e

muitos professores, estando satisfeitos de maneira mediana em suas avaliações, acabam formando alunos sem interesse algum pela leitura.

O leitor interessado e com boa recepção para variados textos é construído com o tempo, através de um caminho trilhado por amplas escolhas literárias, em que destaca o papel da escola. Apesar das diferenças sociais e culturais entre os alunos, a escola pode e deve ser um ambiente de socialização e integração através da leitura.

Ao conhecer novas ideias, novos acontecimentos, novas verdades, informações e novos sonhos, o aluno se encanta pela leitura e consegue se conectar com ela. Ele leva até o texto todas as suas vivências, expectativas e medos e compreende a mensagem transmitida, formando-se a interação entre leitor, texto e autor. Porém, ainda que o texto literário tenha pesos diferentes para leitores diferentes, o ato de ler vai muito além do encantamento, pois é participação, entendimento e prática social, em que o leitor não reproduz o texto, ele o assimila.

Um dos fatores que influencia a leitura, de acordo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto pró-livro, 2020), é o incentivo de outras pessoas. Um a cada três entrevistados, o equivalente a 34%, disse que alguém os estimulou a gostar de ler. Os professores aparecem em primeiro lugar, apontados por 11%.

A formação do sujeito leitor em sala de aula é possível e será provavelmente o único ambiente em que a maioria dos alunos terá a aproximação com o texto literário. O professor através do conhecimento sobre os diversos tipos de texto e é mediador e incentivador para o desenvolvimento da formação leitora e da percepção do texto literário como manifestação de saberes, sentimentos, cultura e sensação de pertencimento no mundo. Mas cabe ao aluno o interesse e esforço na ampliação de sua habilidade leitora, na construção do sujeito leitor, crítico, reflexivo e com ampla visão do mundo.

3. O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS

Como o professor pode tornar a leitura interessante e prazerosa para o aluno? Um professor que não lê, também não incentiva seus alunos à leitura. É necessário o preparo docente, o encontro com sua identidade leitora para estar pronto para os desafios que o preparo de práticas para a formação de leitores críticos e reflexivos exige. “Em outras palavras, é lícito lembrar que, para formarmos leitores literários, antes precisamos formar profissionais que sejam mediadores de leitura.” (SAMPAIO; SOUZA, 2015, p.10). O processo de capacitação dos professores deve ser permanente, para que ele amplie sua base teórica sobre o ensino da leitura e adquira novas experiências como leitor. Estudar e ler devem ser constantes na vida profissional do professor:

Se estudar para nós não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação. Este é um esforço que deve começar na pré-escola, intensificar-se no período da alfabetização e continuar sem jamais parar. (FREIRE, 1997, p. 26)

O professor deve selecionar textos para identificação, interesse e de acordo com a capacidade interpretativa do aluno. O aluno não irá descobrir a leitura prazerosa e com significado, se for obrigado a ler livros didáticos ou que a princípio fujam da sua realidade no seu caminho de aprendizado. O hábito de leitura deve ser estimulado, de preferência com o professor conhecendo seus alunos e seus gostos, e, conforme a faixa etária, indicar caminhos para variadas leituras, propiciando um ambiente adequado e atividades relacionadas com o texto, que desenvolvam a criatividade, criticidade e ampliem o conhecimento.

Sampaio e Souza (2015) sugerem, para o trabalho com a leitura literária em sala de aula, a utilização de textos curtos, como contos e poemas. Pequenos textos facilitam a fruição e não são menos complexos que um romance, facilitando a dinâmica do conteúdo aplicado no tempo de aula. Todavia não significa não trabalhar com romances mais extensos, principalmente se o aluno puder levar o livro para casa, assim ele ampliará os locais nos quais pode desenvolver a leitura literária.

Viegas (2014), em seu texto “Literatura e escola: a formação do leitor no Ensino Médio” trata do papel do professor e da importância de sua formação para iniciar mudanças e sobre a formação do leitor desde o ensino fundamental. O texto discorre sobre as práticas de leitura errôneas, principalmente as de obras canônicas e seus fragmentos distribuídos pelos livros didáticos.

A pesquisadora apresenta dados históricos de estudos sobre o ensino da Literatura: “apenas em 1892 se consumou o processo de institucionalização da literatura brasileira no currículo escolar” (VIEGAS, 2014, p.1). Ela afirma que o objetivo do ensino nessa época, era do ensino da língua portuguesa, com os alunos aprendendo a escrever como os autores já consagrados.

Essa sistematização tem sido operacionalizada através do estudo das escolas literárias, modelo que há algum tempo dá sinais de esgotamento. Periódicos com dossiês sobre o ensino de literatura e o aumento do número de trabalhos sobre o tema apresentados em congressos constituem alguns exemplos da preocupação com a busca de alternativas para essa prática pedagógica. A formação do professor e o livro didático constituem os dois pontos centrais para a dinamização do ensino de literatura. (VIEGAS, 2014, p. 2)

Viegas (2014) apresenta a discussão sobre o Letramento Literário no Ensino Médio, que é diferente do conceito de alfabetização. Como já citado, muitos chegam a este período com diferentes níveis de letramento, e possuem dificuldade de leitura e interpretação de texto. Para os alunos com dificuldade de letramento, atividades práticas e dinâmicas como contação de histórias e roda de leitura, adaptações cinematográficas e leitura de textos não convencionais podem ser uma estratégia inicial mais aceitável para atrair o aluno ao mundo da leitura. A partir disso, a utilização de estudos diversificados do texto literário exige um leitor mais perspicaz, que interaja melhor com os textos clássicos.

Outro ponto importante é o surgimento dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) do Ensino Médio, que a autora aponta como um movimento no sentido de democratização da Literatura e que ao mesmo tempo exclui suas especificidades: “Entendem o estudo da gramática como uma estratégia para a compreensão, a interpretação e a produção de textos e integram a literatura à área de leitura” (VIEGAS, 2014, p.2). Para a autora, a maioria dos documentos oficiais que norteiam o processo pedagógico não ajudam efetivamente o professor na busca de alternativas eficientes para o ensino da Literatura e da formação leitora. Atualmente, com as novas interpretações dadas pelas BNCC, através de habilidades que

envolvem diversos gêneros, para formação de leitores mais perspicazes, que interajam com todo tipo de texto.

Podemos dizer que a autora aponta que os textos lidos no ensino fundamental, cheios de ficção e aventura e mais contemporâneos, são mais interessantes para o leitor e este interesse pode se perder quando pensamos no Ensino Médio e suas escolas literárias, começando pelo Barroco e Arcadismo já no primeiro ano. Nessa mudança repentina, o aluno tem que entender, primeiramente, o porquê de estar limitado a certas obras e a relevância dos autores para sua formação leitora. É válido que o educador utilize um caminho mais simples para despertar o interesse dos jovens pela leitura e a prática mais aprofundada ser desenvolvida aos poucos.

Seguindo nesta mesma discussão, Freire, em “A importância do ato de ler” (1989), discorre justamente sobre a intenção equivocada do ato de ler. Muitos professores dão extensos capítulos aos alunos para realização de atividades, e esta leitura determinada, ao mesmo tempo em que deixa os estudantes saturados, limita o saber e o prazer da leitura.

Ao discutirmos a questão da formação de leitores competentes, o papel da formação continuada do professor de Literatura é fundamental, pois a formação continuada provoca os professores a refletirem sobre seu trabalho, uma vez que “O conhecimento contextual leva os professores para além das estratégias da prática de ensino, obrigando-os a analisar as necessidades dos alunos dentro de vários contextos socioculturais, econômicos e políticos” (VIEGAS, 2014, p.4).

Todavia, ainda que estudiosos apontem a necessidade de capacitação dos docentes para que assim desenvolvam um trabalho junto aos alunos, a fim de que os auxiliem na transformação em sujeitos leitores, existem os obstáculos como em toda e qualquer prática pedagógica. De acordo com a autora, quando da realização de sua pesquisa:

São reclamações constantes desses professores a grande quantidade de conteúdo a ser trabalhado em uma única série, a falta de recursos para a produção de material didático, a inexistência de um trabalho em equipe disciplinar ou interdisciplinar, para que possam ser discutidas as experiências nas turmas de suas respectivas escolas, além da dificuldade dos seus alunos na leitura dos textos literários. Alunos que, em muitos casos, ainda não completaram satisfatoriamente o seu processo de alfabetização”. (VIEGAS, 2014, p. 4)

As mudanças na postura e na procura por conhecimento pelos professores são importantes devido à relevância da Literatura e da leitura na formação dos jovens. Todavia,

não podemos esquecer-nos da necessidade de cursos de licenciatura completos, que desenvolvam com objetividade a formação docente.

Entendemos que a literatura é um fenômeno social e, portanto, necessita ser ministrada por um professor que tenha sensibilidade para captar os acontecimentos e os problemas que envolvem a sociedade. Para que a literatura desperte a atenção do aluno, ela precisa estar vinculada com a vida, pois, literatura é efetivamente vida. Entendemos que assim, o professor além de estar informado sobre a sua disciplina, precisa estabelecer relações que possibilitem a leitura do mundo pelo viés da leitura literária. (NUNES, 2017, p.129)

Nunes (2017) entende que o professor precisa conhecer muito bem o objeto de seu trabalho, que é o texto literário, e até questiona se a formação no curso de Letras é suficiente para isso ou se seria necessária uma prática maior, que só virá com uma formação continuada. E ressalta “a importância de um trabalho de formação continuada que articule teoria e prática e que extrapole o modelo de “cursos prontos” que muitas vezes são oferecidos aos professores.” (NUNES, 2017, p.129). A formação continuada deve possuir fundamentação teórica capaz de melhorar o fazer pedagógico e promover um olhar reflexivo do professor sobre o ensino da Literatura, sendo crítico de sua prática e resultados.

O professor como sujeito e participante na sua formação deve colaborar e participar na avaliação dos resultados e do impacto da sua ação pedagógica, sem deixar essa tarefa meramente a autoridades externas ao processo, tais como a direção e coordenação da escola, mas deve assumir proativamente a avaliação interna do processo, dos resultados e do impacto e sua atuação profissional. (NUNES, 2017, p.130)

Nunes (2017) sequencia o que é importante no processo de formação do professor: a tomada de consciência sobre sua prática pedagógica, uma visão crítica das atividades desenvolvidas na sala de aula, noção dos valores culturais da sua função docente, assumir que é um pesquisador e não apenas transmissor de conhecimento, a importância de conhecer planos pedagógicos de sua escola e as variáveis do desenvolvimento e aprendizagem dos seus alunos.

A autora apresenta, em seu trabalho, uma série de planos de atividades a serem realizadas pelos educadores, como oficinas literárias, reflexões sobre a estética do texto, estudos sobre o papel da Literatura, sobre teoria literária, estudo reflexivo de poesia, sobre práticas pedagógicas e material didático, letramento literário, leitura de obras dispostas na biblioteca da escola e troca de experiências. São apenas possibilidades que poderiam incluir,

por exemplo, a leitura literária prática, cursos e atualizações sobre diversidade, gêneros, leitura juvenil e contemporânea, mídias digitais, entre outros. É importante que se quebre o ciclo de desinteresse que envolve tanto alunos como professores:

A partir desse pensamento chega-se a pensar na urgência de colocar o estudante de letras em um contato mais efetivo com o texto literário e que este promova uma experiência literária única, possibilitando uma formação consistente do professor de literatura que por sua vez, estimulado, assuma sua própria visão de mundo para a fruição estética, pois o professor necessita romper com o círculo da reprodução ou da permissividade no que tange ao ensino de literatura. (NUNES, 2017, p.133)

Assim como Antonio Candido e Freire, Nunes (2017) implica a importância, na formação do professor, da relação da Literatura com as relações humanas e o pensamento crítico.

Dessa maneira, compreendemos que o ensino de literatura deve configurar-se como um conjunto de experiências estéticas que proporcionem ao aluno, autonomia de leitura, pensamento crítico, educação da sensibilidade e do autoconhecimento, e principalmente da condição humana. (NUNES, 2017, p.132)

Contrariando alguns destes autores, Lajolo (1993) demonstra um olhar conservador ao ensino da prática da leitura, que para ela deve ser mais solitária e cuidadosa. Inclusive questiona que, muitas vezes, o papel do professor e de outros profissionais da educação como mediadores no processo de leitura pode afastar o leitor do significado do texto. Para a autora, muitos professores não entendem o conteúdo que ministram e não conseguem transmitir análises de obras mais complexas aos alunos. Esse impasse evidencia não só as dificuldades dos alunos, mas expõe as deficiências do professor. Para Lajolo, o professor deve ser leitor e conhecedor dos clássicos.

O professor de Português deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa e da africana de expressão portuguesa¹. Freqüentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera preferência. Em outras palavras: o professor de Português pode não gostar de Camões nem de Machado de Assis. Mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los. (LAJOLO, 1993, p. 17)

¹ Hoje chamada de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

É notória a importância do estudo dos clássicos em Literatura e para a formação do leitor, mas um professor interessado também pode ler, conhecer e se apoiar em variados tipos de leitura, para que seu alcance ao mundo de interesse literário do aluno seja maior.

Ao mesmo tempo em que questiona a mediação nas práticas literárias, critica o professor ser deixado de lado, como peça secundária, que já não prepara as aulas, mas tem que seguir livros didáticos e o destino que este atribui ao texto literário. A autora lança críticas aos livros didáticos, em data anterior a criação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2018).

Num balanço geral, as críticas superam os aplausos e fundamentam-se nas mais diferentes razões: apontam que muitos livros didáticos contêm erros graves de conteúdo, que reforçam ideologias conservadoras, que subestimam a inteligência de seu leitor/usuário, que alienam o professor de sua tarefa docente. (LAJOLO, 1993, p. 46)

O livro didático pode ajudar o professor, desde que ele aborde o texto literário com devido cuidado, entendendo que ele possui funções e características diferentes dos outros textos. O livro didático pode ajudar no entendimento e na fruição literária, sendo mais uma via de acesso a Literatura. Em muitos livros, inclusive os que seguem as diretrizes da BNCC, o texto literário é tratado como pretexto para uso da multidisciplinaridade, não sendo desenvolvido com o espaço que merece, que é o de se relacionar ao desenvolvimento do leitor crítico, sensível e com perspectivas positivas para encontrar o mundo a sua volta.

Apesar disso, as propostas curriculares vêm se modernizando, e ainda que não se tenham soluções para todos os problemas, o professor possui maior autonomia e apoio para trabalho com diferentes gêneros literários, planejamento das aulas e escolha de textos que despertem o gosto de ler. O contato dos alunos com bons textos literários pode contribuir de maneira significativa para a formação leitora.

Ao formar leitores na escola, o professor forma leitores do mundo para o mundo. Assim como Freire (1989) e a “palavramundo”, Lajolo não traça limites entre o mundo da leitura e a leitura do mundo. Para ela, ler é entender melhor o mundo em que se vive para viver melhor. Assim sendo, “Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”. (LAJOLO, 1993, p.1)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária pode trazer reflexões e significados ao aluno sobre sua realidade social e uma conscientização crítica. A leitura humaniza, educa, prepara, molda, solidariza e cidadaniza. No Ensino Médio, o conteúdo de ensino da Literatura envolve conteúdos obrigatórios que se baseiam em autores e escolas literárias ou no trabalho com o texto para as aulas de Língua Portuguesa, em livros didáticos, não considerando a relação entre a leitura e o leitor. Desse modo, falta motivação, contextualização e apropriação da leitura pelo aluno, que não se sente ambientado com o aspecto histórico, social e cultural das obras, perdendo-se, assim, a essência da formação do leitor.

Em relação aos professores, devemos considerar sua formação docente e de que maneira efetiva eles podem buscar, através de novas práticas pedagógicas, o desenvolvimento do estímulo à leitura em sala de aula e da criação de um ambiente que facilite o acesso à leitura e aos livros. A capacitação continuada deve ser praticada, para despertar, também, o professor/leitor, o aperfeiçoamento e desenvolvimento de suas habilidades reflexivas e o entendimento da realidade do aluno. Se o educador limita seus estudos a poucos livros didáticos, textos e perspectivas, ele limita as possibilidades de sua prática em sala de aula.

Freire e Candido nos mostram que a leitura ultrapassa barreiras e nos transforma. Um aluno que entenda todo o conceito de teoria literária, mas que não goste de ler ou que não tenha prazer nos desdobramentos e encantos de um bom livro, não se formará um leitor para além dos limites da escola.

Evidencia-se que é preciso rever a abordagem docente sobre a leitura, nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, e refletir sobre como a leitura pode formar sujeitos humanos, políticos, críticos, éticos e sensíveis, que entendem o texto como ponte para compreender o mundo à sua volta, e com novas perspectivas e possibilidades, buscar transformá-lo.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 3 ed. São Paulo: Martins, 1969.

_____. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20C3%A0%20Literatura.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2020.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981. 149 p. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf>. Acesso em 19 de maio de 2020.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf>. Acesso em 19 de maio de 2020.

_____. **Carta de Paulo Freire aos professores**. São Paulo, 2001. v. 15, n. 42, p. 259-268. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103. Acesso em 23 de fevereiro de 2021.

_____. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. 10 ed. Editora Olho D'Água, 1997. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Professora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf>>. Acesso em 19 de maio de 2020.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4 ed. São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em 19 de maio de 2020.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5 ed. São Paulo, 2019. <http://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/apresentac%CC%A7a%CC%83oparapublicar2019.pdf>>. Acesso em 04 de maio de 2021.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 1993. São Paulo: Ática.

NUNES, G. C. **A formação do professor para o trabalho com a literatura: uma proposta de formação continuada**. Revista Espaço Acadêmico, 2017. Nº 192, 128-141. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33467>>. Acesso em 03 de novembro de 2020.

SAMPAIO, E. de S.; Souza, M. L. G. de. **A Perspectiva do ensino de Literatura nos livros didáticos de Português: O que se ensina quando se ensina Literatura?** Tocantins: Entreletras, 2015. v. 6, n. 1, p.22-33, jan/jun. 2015 (ISSN 2179-3948 – online). Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/6715/14913>>. Acesso em 26 de outubro de 2020.

SILVA, I. M. M. **Literatura em Sala de Aula: da teoria literária à prática escolar**. Anais do Evento PG Letras 30 Anos. Vol. I (1): 514-527. 2003. Disponível em: <<https://pibidespanholuefs.files.wordpress.com/2015/07/texto-para-o-encontro-de-amanhc3a3.pdf>>. Acesso em 26 de outubro de 2020.

THIÉL, J. C; et al. (Org.). **Prismas: visões da literatura na contemporaneidade – estudos literários e da linguagem**. Curitiba: Champagnat, 2012.

VIEGAS, A. C. C. **Literatura e escola: a formação do leitor no Ensino Médio**. Anais do Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa, 2014. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/217.pdf>>. Acesso em 12 de outubro de 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A universidade brasileira e o ensino das literaturas de língua portuguesa**. In BORDINI, Maria da Glória; REMÉDIOS, Maria Luiza e ZILBERMAN, Regina. *Crítica do tempo presente*. Porto Alegre: IEL; Nova Prova, 2005.